

Carta aberta a Chirac



António Tabucchi e José Cardoso Pires

De forma que, Monsieur Chirac, a sua bomba já explodiu. Na nossa opinião é chauvinista, pequeno-burguesa e cuja como todas as bombas. E explodiu para poluir o Pacífico. Supomos, Monsieur Chirac, que o senhor não conhece o Pacífico porque duvidamos de que conheça as suas populações e de que alguma vez tenha ido visitar o túmulo de Stevenson ou os lugares onde viveu um grande pintor francês como Gauguin. Duvidamos porque, na sua mentalidade de político exultante, o senhor não parece saber o que é o mundo. Um mundo que não se resume ao que se vê da sua janela do Eliseu, mas que, no entanto, existe e nos pertence. Porque nós consideramo-nos cidadãos do mundo, Monsieur Chirac, enquanto que o senhor se limita às convicções dum burgomestre que aconteceu tornar-se presidente de um país que nós tanto admiramos como a França. Só que, a comportar-se da maneira como se comporta, o senhor está a negar os valores que, desde 1789, a França difundiu pela Europa e pelo mundo. Sim, o senhor nega Voltaire e Diderot, estamos cónscios disso. Nega a grande tradição humanista francesa e, além das ideias, despreza a tolerância e a convivência.

A Greenpeace declarou que a explosão da bomba atômica em Muroroa é um crime contra a Humanidade. Concordamos e não temos dúvida de que a Humanidade se encarregará de fazer as suas próprias condenações através da História. Apesar disso,

Dois escritores, um italiano, outro português, com obras muito conhecidas em ambos os países, decidiram protestar em comum contra os ensaios nucleares franceses na Polinésia. É uma iniciativa cívica que o PÚBLICO — tal como outros órgãos da imprensa internacional — regista nas suas páginas.

Monsieur Chirac, desde já lhe exprimimos com força e determinação a nossa total repulsa às suas experiências nucleares (a todas as experiências nucleares, seja qual for o país donde provenham), que, juntamente com as perturbações das consciências, põem em risco o equilíbrio do Planeta. Temos a firme convicção de que, além dos crimes de guerra, contra os quais as Nações Unidas criaram um tribunal em Haia, existem também crimes de paz. Nós consideramos que os ensaios nucleares franceses no Pacífico constituem crimes de paz e, se neste momento não existe um tribunal institucional com capacidade para os julgar, julgamo-los nós com a nossa consciência e com a nossa ética de escritores.

Fazemos votos para que escolha a via do bom senso, Monsieur Chirac, e que não insista na sua cruzada nuclear com as sete explosões que tem anunciadas. Para isso nos dirigimos à opinião pública. Para que saiba que o senhor, do seu gabinete parisiense, não pode ordenar impunemente a destruição do equilíbrio do planeta e depois aparecer sorridente na televisão. O senhor tem um arsenal atômico para ostentar. A nós e à nossa consciência de homens civis interessa o futuro do planeta. A si, Monsieur Chirac, a cisão do átomo; a nós a crítica da faculdade de julgar de Kant. E, se nos permite, a Enciclopédia de D'Alembert e dos seus companheiros, que nós elegemos como nossos. ■

© Corriere Della Sera